



## grupelho

### [grupo de estudos e ações em filosofia e educação]

<https://vimeo.com/user4831399/review/277072554/535fdd2804>

<https://ufmggrupelho.wixsite.com/grupelho>

Coordenadora: Renata Lima Aspis

Instituição: Faculdade de Educação/Universidade Federal de Minas Gerais


Este grupo de estudos e ações, um grupelho, investiga as possíveis conexões entre filosofias e educação, passando por questões políticas, sexuais, de gênero, raça/etnia, religião.

Trata-se de um grupelho na acepção de Guattari: “Somos todos grupelhos” (GUATTARI, 1985, p.18). A palavra grupelho, comumente, carrega em si um sentido pejorativo. No entanto, seu uso aqui é a afirmação de uma posição política. No sentido político o uso dessa palavra – grupelho -, se refere aos pequenos grupos dissidentes do Partido Comunista, que na década dos anos 1960 eram mal vistos tanto pela direita quanto pela esquerda. “‘Dissidentes’ corresponde à palavra russa *inakomysliachtchie*, ‘os que pensam de outra maneira’” (FOUCAULT, 2008, p.294). E no sentido ontológico, grupelho, grupo menor, atualiza a ideia de que toda subjetividade é, de certa forma, grupal, uma multiplicidade singular, em movimento, atravessada por acontecimentos.

O grupo deseja produzir conhecimentos que contribuam com a investigação e problematização da educação pensada transversalmente pela filosofia. Trata-se de encarar a imposição da necessidade de se pensar de outra forma as mesmas questões, criar novos problemas que movimentem o pensamento, praticando o pensar como experimentação.

O grupelho, que se limitou a realizar estudos teóricos de julho de 2013 a julho de 2016, sofre uma metamorfose a partir do encontro com o interesse em fazer filosofia de outras maneiras. Onde fica o corpo enquanto se filosofa? Se é verdade que o aprender se dá por conexões insuspeitadas, se é verdade que a composição das subjetividades se dá pela experiência sensível que atravessa os corpos, o que tem sido a filosofia da Modernidade para cá? Qual o





sentido de uma filosofia que não põe o corpo em movimento, que não se torna ação? “Sim, pensa-se, escreve-se, imprime-se, fala-se, ensina-se filosoficamente – até aí tudo é permitido; somente no agir, na assim chamada vida, é diferente: ali o permitido é sempre um só, e todo o resto é simplesmente impossível (NIETZSCHE, 1978, p. 63). Na assim chamada vida, o corpo é deixado sentado na cadeira, enquanto se filosofa. Na assim chamada vida, pode-se elaborar as mais ousadas ideias sem que se sinta obrigado a torná-las ação efetiva nas relações com os outros. “São homens ainda – pergunta-se então –, ou talvez apenas máquinas de pensar, de escrever e de falar?” (NIETZSCHE, 1978, p. 63).

Desde meados de 2016, ao longo de suas investigações, o grupelho vem realizando experimentações. Mobilizado pelo desejo de pensar de outras maneiras, começou-se a fazer experimentações de pensar com o corpo. Vamos para a rua. A dimensão política dessa pesquisa é imprescindível. A cidade não é um todo significativo, tudo flui, tudo escapa, um sistema a-centrado que muda de natureza a cada nova conexão, rizoma (DELEUZE; GUATTARI, 1995). A cidade contemporânea na urgência de seus fluxos atados a significados nos incita a trazer um pouco de caos, para que se veja, para que pare, para que? Vida, insuflar pequenos tropeções, déjà vu, gagueira, foco, desfoco, acontecimento.

Não somos artistas e somos, não somos filósofos e somos, não somos loucos e somos. Nos diferenciarmos de nós mesmos, a cada vez que nos lançamos na rua, com nossas ações de “extervenções”. Se é verdade que a dança potencializa um estado de presença e integralidade no qual a mente não se separa do corpo (GARAUDY, 1980), como praticar uma filosofia dançante? Como potencializar um corpo pensante? Como praticar a filosofia perante os outros, em forma de afectos? Eis aí o problema que nos interessa.

O que foi praticado como intervenções urbanas, na década dos anos 1980, estão sendo entendidas como extervenções, exter-invenções.

Se uma intervenção é uma ação que pretende causar alguma modificação, pretende interferir, ingerir, influenciar algo, ela trata de entrar em algo uno, um todo significativo, que, ao sofrer sua ação, deve mudar. Extervenção, no entanto, tem a ver com a ideia de cidade como rizoma. Seria, antes, agir filosoficamente na cidade, na busca de conectar-se com territórios externos, do fora, ou seja, daquilo que ainda não foi inventado, do imprevisível que ainda não foi atualizado em estados de coisas. Tem a ver com sair dos significados, por meio de encontros estéticos, de humor, de estranheza, para criar sentidos. Escapar dos significados que remetem para o mesmo e perseguir encontros, fricções, que podem gerar sentidos singulares.

